

Antología Poética

Vol. II

Consequência De Adversidade

Da

Diversidade

Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)



HUÍLA, 2020.

**Consequência De Adversidade
Da
Diversidade**

Antologia Poética 2

Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)



HUÍLA, 2020.

Ficha Técnica:

Título: Consequência De Adversidade Da Diversidade

Autor: Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)

Editora Digital: **Água Preciosa**

Texto: Verdana 12

Capa: Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)

Revisão dos Textos: Mille Tavares

Exposição do movimento

O Movimento Vanguarda Huilana (MVH) é uma organização conectada por uma variedade artística literária e cultural, oriunda de grupos primorosos, como: Amantes da Arte, Renascer da Arte, Coração do Povo e Movarte-Nambambi.

Foi fundado em 2015 pelos seguintes autodidactas:

- 1- Moderador e escritor/poeta Lidex Âmago Solitário (*Director do MVH*);
- 2- Músico Manililson Doçura (*Secretário do MVH*);
- 3- Apresentador Osvaldo Manuel Benevid (*Director Adjunto do MVH*);
- 4- Humorista Tchiu-Dji (*Técnico de som do MVH*).

Abarca escritores/poetas, músicos, dançarinos, humoristas e actores teatrais, com os seguintes objectivos:

Geral: entreter incansavelmente por meio de diversas artes culturais.

Específicos:

- 1- Elevar a cultura na Huíla;
- 2- Ocupar o máximo possível a camada juvenil;
- 3- Diminuir o índice de delinquência na Huíla.

O seu lema é:

- Resgatar talentos
- Quebrar preconceitos
- Lutar contra a ignorância.

O se logótipo simboliza a coroa do MVH, e está constituído pelos seguintes elementos:

- 1- Uma coroa, que representa o triunfo na linha da frente.
- 2- Um circulo oval, que simboliza o cérebro dos autores.
- 3- Uma sigla "MVH", que representa a designação do movimento.
- 4- Uma tríade, formada simultaneamente pela letra "M" de Movimento, letra "V" de Vanguarda e letra "H" de Huíla.
- 5- Diversas partículas na letra "V", que simboliza os neurónios no cérebro dos autores.
- 6- Uma placa rectangular, na parte inferior da coroa, com o lema do MVH.
- 7- Quatro cores:
 - Amarela - simboliza a alegria no movimento;
 - Cinza - simboliza o cérebro dos artistas;
 - Branca - simboliza a paz no movimento;
 - Vermelha - simboliza o amor agressivo pela arte.

Sinopse

Na linhagem da antologia poética "1", a presente antologia poética (2) está figurada com o mesmo título (*Consequência de Adversidade da Diversidade*), e também oferece um agregado de quarenta e cinco (45) textos poéticos variados, partindo da divergência linguística e estrutural dos poemas até às temáticas individuais que os textos apresentam, destacando, assim, a peculiaridade de cada autor com um objectivo geral de divulgar que "*a arte literária não é unânime e não se prende a padrões uniformes*". (*Lidex Âmago Solitário*)

Sobre a sua autoria, comparando com o primeiro volume, esta antologia foi feita mediante à labuta colaborativa afincadamente de treze (13) autores/escritores (os de antes, excepto um "1" autor).

Os textos foram seleccionados cuidadosamente para o total gosto do leitor.

Autores

- 1- **Amada Janete "Crlla"**
- 2- **Amukamba**
- 3- **Cikeve.**
- 4- **Gonçalves Malengue**
- 5- **Jcmm ManMunono**
- 6- **Lidex Âmago Solitário**
- 7- **Paulo Dala**
- 8- **Paulo Fernando**
- 9- **Poeta Kambetwa**
- 10- **Poeta Ingratoh Sofredor Casacay**
- 11- **Ramos D'Cassacili**
- 12- **Sly Fox**
- 13- **Teodoro Carlos Simão**

Agradecimento

"A perfeição da arte feita por diversas mãos-de-obra, não é regida por convicção, mas sim, por doação de paixão amorosa espontânea à arte!" (Lidex Âmagô Solitário)

Agradecemos fortemente ao trabalho firme e colaborativo que ostentam os autores/escritores do Movimento Vanguarda Huilana (**MVH**).

E ao prezado auxílio adquirido da Academia de Autores na Huíla (**AAH**).

Dedicatória

Com todo nosso carinho, dedicamo-la ao público/leitor em geral.

Escrevemos pensando na vossa existência, atenção e ao vosso afinho à leitura!

Índice

0	Preâmbulo
I.	Educar
II.	Seios secos
III.	Há uma voz que chama
IV.	Aspirar
V.	Também vivo sem violência
VI.	Verão Bífido
VII.	O velho pobre poeta
VIII.	Saudades
IX.	Estado negro
X.	O ZUNGUEIRO DO AMOR
XI.	Morena
XII.	Declínio
XIII.	Sempre serei poeta
XIV.	O Outro Lado da História
XV.	Noites em pé, manhãs sentadas, tardes correndo.
XVI.	Silêncio Hostil
XVII.	A vida é um fumo
XVIII.	Leva-me contigo
XIX.	Ontem; Hoje; Até amanhã!
XX.	Lembranças
XXI.	Quem és tu?
XXII.	A Sangria do povo
XXIII.	MINHA SOGRA
XXIV.	Namoro
XXV.	Modesta Origem.
XXVI.	Oração
XXVII.	Não vá
XXVIII.	Sem Grama
XXIX.	Humores acomodados
XXX.	Da Espanha a real
XXXI.	O Mundo Declara Estado de Emergência
XXXII.	Abraça-me
XXXIII.	Não registo e não desisto
XXXIV.	Para te fazer Feliz...
XXXV.	Vida pela vida
XXXVI.	Igre-seita
XXXVII.	Silêncio hostil
XXXVIII.	A Vitória!
XXXIX.	CANSADO DE VIVER
XL.	No silêncio das palavras
XLI.	Minha palavra
XLII.	Esperança
XLIII.	Lá na balsa Pg.64
XLIV.	Doação à Desistência!
XLV.	Galeria Biográfica

0. Preâmbulo

O conceito “Consequência De Adversidade Da Diversidade”, também figura o título desta Antologia.

De acordo com os sintagmas e paradigmas do primeiro volume, igualmente nesta colectânea (2), o estimado leitor terá o prazer de degustar um conjunto de textos poéticos variados (em prosa e em verso), que acarretam simultaneamente, uma gama de oposições de ideias com as seguintes temáticas fundamentais: tema romântico; tema de decepção; desabafo social e pessoal; anúncio de eventuais situações; tema humorístico ou anímico à população angustiada; e tema de motivação de sociedades stressadas, sem forças para seguir. E verá um conjunto de diferença na língua (variação formal ou variação informal), que distinguem a particularidade de cada autor, divulgando assim, que *“a arte literária não é unânime e não se prende a padrões uniformes”*.

Os poemas estão expostos alternadamente, de acordo com a ordem alfabética das letras iniciais dos nomes dos autores.

No derradeiro da Antologia, brindamos-lhe com a Galeria Biográfica dos artilheiros autores/escritores da Consequência de Adversidade da Diversidade, e em anexo, ainda verá o fabuloso logótipo do MVH.

Tudo que a antologia contém, foi posto conscientemente!

Boa leitura e interpretação dos diversos textos poéticos que lhe aguardam!

O MVH agradece.

(Lidex Âmagô Solitário)

I. Educar

Educar é dizer eu te amo
Plantar no indivíduo
Um ser benigno

Educar é formar
Preparando indivíduos
Para erguer o mundo caído

Educar é instruir
Ensinar, em como a sociedade construir
Com o trabalho contribuir
Para o globo progredir

Educar é filosofar
É a sabedoria amar
É ensinar princípios
Firmados em argumentos

Educar é viver a fraternidade
É moralizar a humanidade.

(Amada Janete "Crlla").

II. Seios secos

Varizes serpenteiam seu corpo inteiro
Como fissuras arcaicas imperam pedreiro
Pareço mais novo que ela, já não teso, minha cota
É o que todos pensam, dizem e crêem
As nádegas não saltitam, tudo liso vêm
Caminhadas são adiadas, não desfila, capota
E quando abre a boca ínfimo vocabulário
Comungar dela não dá, muito me sinto otário
Quando a abraço, peito sem tesão
Como electricidade, baixa tenção
Foi um erro, tudo encerrou...

(*Amukamba*)

III. Há uma voz que chama

Espinhos

Crescem

Na roseira

Caem

As pétalas

Apodrecidas,

Irrompe o vento

No esterco

Traz

O batuque

Do além-atrás

Cresce um viço no centro

E brota o infinito perfume até aos ninhos.

(Cikeve. 17-02-2020).

IV. Aspirar

Eu quero morrer!
Deixem-me morrer!
Já não sou o mancebo que sonha
Falta-me o que comer
O verde já não é sinónimo de esperança
O horizonte é escuro
Noites frias enfrento ao relento
Estou entregue à sorte da vida

Por isso, quero morrer!
Vi, vejo: o mesmo ciclo
Mesma estação
Oiço: outros ritmos mesma canções

Branco-preto
Famintos-fartos
Santo-pecador
bicho-homem aos olhos de quem me deve tudo!

Mantêm-me!
Tirem tudo do nada que me é resto!

Consumado o facto!
Babem nas bodas
Riam-se, pois, o grilo que canta desencantado vossos ouvidos
já não jazi entre os buracos do garimpo, nem mesmo sobre as
sondas que transbordam rios de ouro!

Já vi tudo
Estou farto! Deram-me tudo
Fartei-me
Por isso, mantêm-me, pois, a minha morte para mim não significa
nada!

Mantêm-me
Clamo, clamo, tenso, gemendo pela ânsia de receber a morte como
presente! Façam-no já! Se não o fizerem morrerei mesmo assim!
Vendo a injustiça, na maior prova de amor aos nossos
Julgais sermos vosso!
Somos um.

Mantêm-me!

(Gonçalves Malengue)

V. Também vivo sem violência

Gritos sussurrantes me assolam
cantar, eu tanto queria
Mas dói-me
Pois, acompanhado ao só do tambor,
Bates, bates causando-me sempre dor.
Lança-me desculpas falsificadas,
Por veres que o batuque não é um batuque.

Já que me criastes,
Alimentastes
É assim que me cobras tudo?
De mim já te cansaste!

Das periferias dos olhos,
Lágrimas caem
No âmago do coração
Perfura a vontade de viver,
Roubada por meu progenitor
Talvez quero eu crescer
Sem horizonte, prefiro morrer

Em paz também vivo

Já não quero ser adulto
Se for para maltratar
Melhor estacionar a moral
Se for para ser violento,
Melhor ficar por aqui,

Eu, também vivo sem violência.

(Jcmm ManMunono)

VI. Verão Bífido

O momento está cáustico!
Não espera do meu inferior lábio seco
Palavras tricolores de amor.

Peço-te favor
Meu amor.

Entenda que somos nós
Oásis de fortes nós
Entrelaçados nas dunas de arenosos ódios
Que inundam dia-a-dia os nossos corações
Cegando os nossos olhos.

Entenda meu amor
Não há ânimo para falar de amor.

Não é tempo de falar de amor!

O contexto não permite.

Mas saiba que
Ainda que não admite
Deixo-te com estas valiosas palavras:

Tenho fé que ainda há-de chover
E voltaremos a falar de amor
O verdadeiro!
E voltarei a ser o seu guerreiro.

(Lidex Âmagô Solitário. in Solansiedade).

VII. O velho pobre poeta

Nascido de uma mulher virgem
Cujo nascimento salvaria o mundo inteiro
Mas os ouvintes rejeitaram-lhe
E humilharam-lhe

Entre os pequenos nasceu
E entre os maiores venceu.

Durante as suas poesias
Pregava e ensinava sobre as boas novas.

O cara inocente foi mal falado
O cara inocente foi condenado
O cara inocente foi crucificado

Olhando para os céus
Dizia, Pai perdoa-lhes
Não sabem o que fazem.

O cara inocente morreu
O cara inocente ressuscitou
Está sentado sobre o trono
Cantando vitória!

(Paulo Dala)

VIII. Saudades

Importante, algo marcante que dizem ser insignificante.
Que está sempre presente, mas nunca ausente.
Senti que sou tão sincero como as palavras de um inocente,
E quando digo o que eu sinto me olham como alguém que mente.

Tratado como amante, quando precisam de mim, aí sou importante.
Como isso é chocante, ser tratado como algo insignificante.

É importante dizer que das vossas vidas eu faço parte,
E colocando-me de parte não farão de vós, pessoas importantes.

Sou um sentimento que está presente quando alguém está distante.
Conhecido como presente, ausente, importante e insignificante...

Mas quem sou eu realmente se o que eu quero te ver novamente?

(Paulo Fernando)

IX. Estado negro

Passamos de obscuridade ao esquecimento.
As almas vêm sem reconhecimento
O que mais vigora, é o desentendimento.
Quanto ao relacionamento,
o mundo alastra e o estado
está negro
Que meio medonho
Onde se vive sem sonho.

Acredito na partilha do trabalho
Mas duas pernas não chegam para equilibrar o seu estado.
Ainda que tenhamos o descanso,
Os pés descalços, sempre tocarão
no riacho. E aprenderemos a seguir certos passos, tal como as águas
seguem o seu curso num riacho.

Certos destinos serão alcançados
com os passos, em pés descalços
Pois, o ritmo do falso é um facto
e o verídico é descartado.
Diante deste facto, largar a âncora é a expressão adequada.
E acredito que algumas coisas só serão narradas pelo silêncio
do estado de cada alma.

(Poeta Kambetwa)

X. O ZUNGUEIRO DO AMOR

Com banheira na cabeça.
Eu enfrento a madrugada.
Sem medo nem pressa.
Farei da tua vida um conto de fada.

Vem comprar o Meu Amor
Abrindo o teu coração.
Para que eu entre nele sem dor.
E vivermos em união.

Apreço-me como zungueiro
Em te dar valor
Com o meu ser verdadeiro.
Para te dar todo meu amor.

Prometo respeitar-te.
Nos trocos sentimentais.
Quando necessário oferecer-te.
Os lucros especiais.

Não te irás arrepender.
Nem viverás o pior.
Farei de ti a única cliente até ao envelhecer.
E tu farás de mim o seu único zungueiro do amor.

Estou aqui nesta praça.
A vender o que em ti possa evoluir.
Vem lutar com a solidão e me abraça.
Pois a felicidade nos poderá acudir.

Serei um grande homem.
Tirarei o mal ao teu redor.
Far-te-ei esquecer quem te fez sofrer ontem.
Para me tornar para sempre o teu zungueiro do amor.

(Poetah Ingratoh Sofredor Casacay).

XI. Morena

Nos túmulos do Id
Pretendo afogar o super ego,
Não quero a promiscuidade
Tão pouco a moralidade
Nas entranhas da realidade
Eu quero a felicidade

Não pretendo sofrer por te amar
Nem que seja chamado ilegal,
Um beijo de ti, eu vou roubar

Não quero a moral que me acuse
Não quero a religião que condena
Eu quero a ti que me cause
O que transcende o bom e o mau

Oh! Morena da Mitcha
As deusas do Olimpo te invejam
Rainha minha... e,
Que todos os olhos te vejam
Pequena joaninha.

Não pretendo sofrer por te amar
Nem que seja fantasia
Que vá à merda a realidade,
Pois, quero a ti, minha poesia

Que as kimbandas façam filas
Para uma a uma receberem
A bênção da mais bela
Até os insectos te querem
Oh margarida dos mumwilas.

Todas as montanhas do Lubango
Profetizam os volumes dos teus bancos.
Não há olhos cegos
Quando se fala dos teus aconchegos.

E eu!
Não pretendo sofrer por te amar
Nem que seja por carta, mensagem ou por recado
Meu amor por ti eu vou declarar.

(Ramos D'Cassacili)

XII. Declínio

Noutro mundo,
E diferente eu estava
Era feliz,
E mas nada me importava
Não sei o que fiz,
Já não lembro de nada
Mas tu chegaste,
E levaste-me do nada...

Sem permissão,
Escravizaste-me e mais nada
Perplexo, e sem entender, só olhava
Obedecia, enquanto me afogava

O que não sabia,
Era onde me levavas
Mas sentia,
Que ganhava até asa
E agredia,
Até os filhos de casa.

O que dizia,
A mulher só me contava
Também não entendia,
Como tu...
Do que se tratava
Mas o tempo passava,
E eu mais cego te amava.

Mas aí se formava,
Verdadeira desgraça
Minha esposa dizia,
Que ela me amava
Mas as minhas acções,
Só contrariava.

Ela deixou-me,
Os amigos rejeitavam-me
Só os envergonhava:
Viciado nas drogas
E perdido nas nganzas

Revoltado, fui tomado pelo rancor
Agarrei o vício,
Mas também me ignorou!

Chorando, berrei para ela:
Meu amor!

Resposta inesperada: -
Já não tens valor!
Acabado, enxerga-se imbecil.

Ele mostrou-me um novo universo
Achei que estava distante do mundo perverso
Mas olha só, foi um novo começo...

(Sly Fox. 2020)

XIII. Sempre serei poeta

Que o sol se esconda para sempre!
Que os sorrisos se
transformem em angústia
Que o amor vire solidão
Que a felicidade seja um abismo
Que a humildade vire ganância!
Que a amizade vire ódio!

Que Caim mate novamente Abel,
e Satanás se torne de
novo anjo de luz

Que a lua se transforme em sangue e que as
estrelas caiam do firmamento!

Que a minha irmã se torne prostituta, e que os
irmãos morram!

Mas eu sempre serei poeta!

Carregarei a poesia no bater do
meu coração, no
suar da minha pele, no
processo da minha respiração, serei
a encarnação de Savimbi, também lutarei pela libertação do meu
povo
e por
eles irei de lutar até morrer!

Que eu seja lembrado por esta nação como uma besta assassina,
mas
eu sempre serei poeta

Que Deus destrua novamente Sodoma e Gomorra com fogo
e Daniel seja lançado novamente na cova dos leões.

Que os deuses desta pátria governem mais quarenta anos, e que
a pobreza dure também quarenta anos nesta terra, onde
a fome e a guerra é
o que nos resta da vida de quem erra!

Eu sempre serei poeta

Sim serei poeta, carregarei a literatura nos ossos,
namorarei com a caneta e
escreverei um poema com lágrimas
de sangue e de fogo,
derramarei o meu sangue por esta terra onde
a pobreza e a miséria toma conta
de nós! -

Sempre serei poeta, serei a reflexão dos pobres e dos rejeitados
como eu!
Serei a lágrima derramada de um miserável que
vive de migalhas como eu!
O serei até que o fim
seja o fim!

Serei poeta!

(Teodoro Carlos Simão).

XIV. O Outro Lado da História

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Sou a noite, sou as trevas
Sou o desumano, sou o insensível
Sou assim desde o ventre!

Em catástrofes me concebeu minha mãe
Fui negado pela minha génese
Em rejeição fui recebido.

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Cresci no abismo da vida
Com serpentes brinquei
O inferno me acolheu
Com ele simpatizei.

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Não conheci o amor
Sorrir não existe
Educação... um contraste
Meu mundo é só meu

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Nunca tive um lar
Meu mundo é só meu
Oposto deste
Que me é obrigado a assimilar

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Como ser educado?
Como ser humano?
Como ser honesto?
Como ser bondoso?
Como ser íntegro?

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Sou excluído, sou rejeitado
Sou condenado -
Por não dar

O que não tenho

Oh minh'alma
De ti, o que será?

Quem velará por mim?
Quem me dará crédito?
Quem se interesse a me ouvir
Sem me julgar?

Quem se moverá para me amparar?
Quem será meu pai?
Quem me fará menino de novo?
Quem me ajude a ser...
O que muitos julgam ser.

Oh minh'alma
De ti, o que será?

(Amada Janete "Crla")

XV. Noites em pé, manhãs sentadas, tardes correndo

Ai! Como mergulham meus sonhos
Em alto mar onduloso
De frias correntes
E quentes
Ah, como quero que me ouças
Que sejas mais próximo que virtual
Como mais importante que o dinheiro
queria ser
Mas o perpétuo é, não presto!
Sou saco que não fica de pé, vasilhame, rolha

Noites em pé, manhãs sentadas, tardes correndo

Não tenho opinião de nada
Tudo está bom, mesmo quando amarga
Vês, como aplaudem verbos poucos
Como bocejam verbos orgásticos
Não ouvem, analisar dói, pensar é chicote
Vivem só de assim, deixa a vida me levar
Hoje, agora, presente, emergência, não interessa, futuro
Viver rápido, Fábio Alonso, Fórmula-Um
Beijos, danças, copos, sexos, abortos, filhos
Sélfies no luxo, lixo ignorância
Experiências pretéritas, só distância
Olha, como nada sou, calado, em pé, sentado, correndo

Noites em pé, manhãs sentadas, tardes correndo...

(*Amukamba*)

XVI. Silêncio Hostil

Vejo nesses olhos
a margem cristalina
da terra
muda
que grita
o silêncio
hostil,

Que expeliu
laços
comungou
dor
e plantou

Nos olhos
Imensas feiras
De cruzado.

(Cikeve. 28-03-2020).

XVII. A vida é um fumo

Eu sei da tua universalidade
Vieste para todos
Da tua Imparcialidade
Todos vão contigo
Com
sem
Passaporte
Da rotura na rocha
da chaga que causas
Não te importas
Levas
Ventre
Viveiro
Costela
Protecção
Irmandade
Toda (re) GE (ne) RAÇÃO

Maldosa.

(Gonçalves Malengue).

XVIII. Leva-me contigo

Leva-me contigo
Só não me arranca os cabelos,
Leva-me às pressas
Faz-me teu refugio.

Não precisa amedrontar
Leva-me, sou teu escravo,
Eu entendo.
Entendo porque meu coração
vive tal emoção
As rápidas lembranças
Nas noites escuras
Clareadas de luar,
Onde eu te amando,
Sentia um sufoco no peito.

Almejava estar contigo
E quando despertava
E já não estavas
Ao meu lado,
Cantando.

Leva-me, talvez descubra
Teu esconderijo.

Talvez eu entenda
Que as picadas hormonais
que sinto nos amassos
É o excesso de segredos,
Segredos que guardamos
Para nunca os contar

Leva-me
Não te quero pela metade
Não te quero só em lembranças
Leva-me pelos cabelos
Leva-me entre os meros
Murros longos do teu peito
Lá no teu coração,
Leva-me na emoção
leva-me nas asas
Nos ombros
Eu lembro,
Sou teu coração.

Amor leva-me
Leva-me as nuvens
Leva-me...

(Jcmm ManMunono)

XIX. Ontem; Hoje; Até amanhã!

Olhos fixos à sociedade
De horizontes políticos públicos
Críticos religiosos na cumplicidade.

Outros, apelando honroso patriotismo
Outros, apelando compaixosa irmandade
Circulando à castanhas manivelas cidade
Inconscientes dos ambos cromossomas
Num ventre social de somas
Cresce o verde amargo e cruel embrião populismo.

Ontem; Hoje; Até amanhã!

Vem o nascimento
Os braços cruzados fingidos
O civismo desocupa
A indisciplina ocupa
Ímpio crescimento
Amedrontando os fracos rugidos.

Lutas de gritos vermelhos indicadores
Turbulência sem distinção do causador
Fuga dos responsáveis criadores

Culpas sobre o pobre pecador.

O sal dissolvido nos olhos
Já não causa dor!
Escorrega sem o bater
Das suaves pálpebras sobre os olhos
Desagua ao aberto atlântico
De lá, sente-se o sabor.

Ontem, fomos criadores, destruidores e achados.
Hoje, somos culpados, inocentes e perdidos.
Até amanhã, seremos apontados, protegidos e desaparecidos.

De um âmago solitário
Surge e surgirá questões:
Quem é a sociedade?
Quem é o político?
Quem é o religioso?
Quem é o cívico homem?
Quem é o homem pecador?
Quem é o meu pai?
Quem é a minha mãe? -

Quem é o professor?

Ontem; Hoje; Até amanhã.
Quem educou a sociedade?
Quem educa a sociedade?
Quem educará a sociedade?

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade).

XX. Lembranças

Lembro-me do primeiro dia em que a gente nos conheceu!

Dois olhos tão apaixonados cruzaram-se!

E eu!

E eu fingido fui

Vi-te, mas fingi

Que parece nada vi.

Ai! Meus olhos mudos

Que por mais que eu visse a ti

Não conseguiria exprimir o amor que eu sinto por ti!

Ai! Meus pensamentos mudos

Que por mais que eu pensasse, pensasse em ti

Não conseguiria exprimir o amor que eu sinto por ti!

E hoje!

E hoje já não consigo mais esconder

O grande amor que eu sinto por ti!

Em casa ou na rua onde quer que seja

Eu hei-de exprimir o amor que eu sinto por ti!

E hoje perante aos meus...

Cá estou eu dizendo para ti

Te amo e hei-de te amar até aproximação do século!

(Paulo Dala)

XXI. Quem és tu?

Quem és tu princesa, linda como uma deusa?
Morena de olhos castanhos cabelo cacheado,
Preta de olhos cafeinados, tu és uma cena!

Quem és tu princesa, tu que pensas como uma deusa?
Descreves o que sinto, entendes os meus sentimentos
Descreves sentimentos em palavras miúdas,
E transformas poesia em alegria.

Quem és tu princesa, tu que cantas como uma deusa!
Transformas palavras em melodias,
Compôs e sem querer fazes poesia.

Quem és tu princesa, que tens o dançar de uma deusa?
Tens um gingar que à toa me faz falar,
O teu dançar é único, quando te pego, me perco lá.

Quem és tu princesa, tu que tens a força de uma deusa?
Será que és da linhagem da rainha Nzinga?
Acredito que não, porque és melhor que uma rainha!

Eu quero saber o que tu és!
Será que és uma espécie de robô?
Porque o meu coração *você roubou!

Então...me diz quem és tu.
Rainha, princesa, será que és uma deusa?

(Paulo Fernando).

XXII. A Sangria do povo

A alegria e a felicidade são parecidas.
O optimismo e o pessimismo, nunca
têm o mesmo estilo de vida.
A esperança que tinha a cada mãe
de nos ter, traduziu-se na alegria
de nos ver a crescer e na infelicidade
de nos ver a perecer.

Perecendo sem piedade.
Rostos traduzindo cansaço sem amabilidade da felicidade.
Nesta longa angolanidade
que viveu sem esperança de paz.
Na conjugação das grandes hostilidades
que se traduziu na baixa do massacre
de Kassanje.

Massacrando sem piedade
a minha velha e linda comunidade
que para eles parecia como se estivessem a podar os cereais.
Precisamos estar patentes
para não a sofrer novamente
nesta paz dos inteligentes.

(Poeta Kambetwa)

XXIII. MINHA SOGRA

Não aprovaste a relação.
Que eu tenho com teu filho querido.
A culpa não é minha não.
Foi ele quem estava perdido.

Sou uma simples menina.
Como aquela que pede esmola.
Meu beijo tem vacina.
E ele entregou-se em toda Angola.

Eu não tenho culpa.
Se por ele eu fui a escolhida.
Não quero conflitos nem luta.
Querida sogra da minha vida.

Eu não sou perfeita.
Conheço bem o meu lugar.
Qualquer hora podes bater a porta.
Como mãe eu vou te amar e respeitar.

Minha sogra, não foi pelo dinheiro.
Que me entreguei a ele.
Foi pelo sentimento verdadeiro.
Sem a coroa, tornei-me a rainha dele.

Não importa a minha cor.
Não importa a fofoca no bairro.
Dei a ele atenção e muito amor.
No fim ficou totalmente apaixonado.

Depositá-la-ei toda confiança.
Faz de mim tua própria filha.
Tira de mim toda inocência.
Além de sogra, seja minha amiga.

Valoriza o meu carinho.
O seu filho será bem cuidado.
Na dor, não o deixarei sozinho.
Porque é ele que eu quero como marido.

Sou um ser com defeito.
Mais tenho um rico coração.
No meu reino, ele foi eleito.
Para vivermos em união.

Minha Sogra, ele é insubstituível.
Na tristeza e na alegria.
Com pulseira ou com anel.
Seremos felizes formando uma família.

Deus conhece o nosso amor. -

Ele respeita e me ama.
Em mim tem o melhor sabor.
Que o faz falar à toa na cama.

Sogra, aceita-me de uma vez.
Porque nós não nos vamos separar.
Deixei toda minha estupidez.
Para com ele me casar.

(Poeta Ingrato Sofredor Casaca).

XXIV. Namoro

Namora comigo, por favor!
Porque tudo isso me causa dor...
Quando te vi pela primeira vez
Soube logo que talvez...
Ainda que não fosse daquela vez
Te diria: Namora comigo, por favor
Porque isso me causa dor

Quando naquele dia eu te vi
Meus olhos fixaram-se em ti
E aconteceu o que nunca mais senti
Meu coração todo derretido por ti
Paixão como essa, eu nunca vi

Sem ter mais aguentado o que vive dentro de mim
Aproximei-me numa dureza que nem marfim
Sentindo o teu cheiro de jasmim
Disse que sempre foste parte de mim
Como do Português o Pidgin
E acrescentei: Namora comigo por favor!
Porque isso me causa dor

Olhaste-me com um olho só
Como um menino que fala: - Dá só
Na garganta deste-me um nó
E com a tua boca deste-me um NÃO!

Saíste com outra gente
Não se importando se estava em frente
Como águas influentes
Agiste de maneira contra-procedente
E eu ainda repeti: Namora comigo, por favor
Porque isso... me causa dor

Mesmo assim, não te importaste
Como uma casa abalada com a tempestade
Fizeste-me aquela maldade
Namorando aquele meu vizinho moreno
Que disseste que era tua cara-metade.
Que depois de conseguir o que queria
Descartou-te como água de bateria
Ou como mera lataria

Mesmo assim, não me importei
Nem aos meus amigos contei
Que levei um não de quem amei
E dei-te minha lealdade
E na minha simplicidade
Disse-te outra vez: Namora comigo, por favor
Porque isso me causa dor -

E finalmente olhaste-me nos olhos
E num tom desprovido de orgulhos
Disseste-me: vou pensar

E depois daquele dia
Lembraste que havia
Nem que fosse fantasia
Um amor por mim sentias
E Só naquela vez!
Sem receio ou malvadez
Foste tu que disseste: perdoa-me, por favor
Porque em ti só vejo amor.

(Ramos D'Cassacili)

XXV. Modesta Origem.

Não venho de longe
Venho de um estado democrático

Vivendo em monarquia
Venho de um estado rico

Com pouca sabedoria.

Não venho de longe
Venho da nação perdida na poligamia
Venho do povo tratado como mercadoria

Venho de um meio em que de tudo carecemos
Porque nem olhado somos pelo governo

Não venho de longe
Venho dos becos sem luz

Onde a polícia maltrata

E a delinquência maldita nos mata.

Venho da vila explorada,

Ainda ameaçada
Venho daquela gentilha,

Que sofre calada

Não venho de longe
Venho da juventude sem rumo
Venho da vaidade, e perdido no fumo.

Clamo nos gritos da pobre zungueira, pedindo socorro
Clamo no povo cansado e humilhado, perdido no copo
Tudo Porque só o álcool é que nos entrega consolo.

(sly fox. in Solansiedade)

XXVI. Oração

O mundo cegou a mera visão
Que me levava na
profundidade da
espiritualidade dos Seus braços
e hoje eu clamo piedade,
piedade, mas sinto-me na longevidade da
Sua presença!

Oh Deus que tudo sabe
arrasto-me nos pés
e rasgo a minha
alma arrependida
e não as minhas vestes, lave-me,
veste-me e reveste-me com
a dignidade do
Seu trono!

Essa é a oração que geme em meus lábios sem perdão!

Espírito Santo, Santo, Santos
são os Seus actos
desde o Alfa e assim será até ao Ómega,
olhe o Seu servo
que outrora Lhe
honrava com os
lábios e Lhe
espezinhava com
o pútrido coração que
tenho e
hoje me achego
envergonhado com
uma alma machada de sangue
dos meus próprios
actos maliciosos!

Caguei no prato
que comi e hoje
alimento-me dos
vómitos das minhas próprias
façanhas!

Oh Cristo de Nazaré, mergulhei em
mares alheios e
hoje carrego sobre mim a
lepra de uma
destruição eterna,
cura-me senhor
com o sangue
derramado na
cruz de humilhação! -

Oh senhor que tudo
sabe, a Sua graça
basta-me em
momentos de agonias e sem fim!

Pequei, falhei, matei,
roubei, Faça a Sua
vontade, oh Senhor
misericordioso, a Sua
glória é o meu
perdão!

Essa é a oração que
geme em meus
lábios sem perdão.

(Teodoro Carlos Simão)

XXVII. Não vá

Não solta a mão
Que com anseio de união
Correu e abraçou a tua

Não me despeças
Antes que me esqueça
Que a ti pertence o meu coração.

Não cales a voz
Que nos instantes de dor
Tua'lma amenizava

Não me feches os olhos
Se ainda no escuro
Te vejo sorrindo

Sei que és a liberdade
Mas com toda autoridade
Suplico, não vá
Se tu fores, esteja certo
A vida não será a mesma
As manhãs de sol
Serão frias, com nevoeiros
As noites de luar
Tremenda escuridão

O verdejar da natureza
Não fará sentido
A beleza, o perfume, a serenidade das flores
Serão ofuscadas
O cantar dos pássaros
Ruídos

As lembranças dos momentos vividos
Tormentas

Se fores, levarás o brilho dos meus olhos
A luz que resplandece no meu rosto
A beleza do meu sorriso
A alegria de viver
Levarás uma parte de mim
E, deixarás um cómodo vazio.

(Amada Janete "Crla").

XXVIII. Sem Grama

kota sofia, vejo-te sangue negro
já me ferir, jorra em mim o negro
andei demais e os calos têm
hospedaria
os meus sonhos têm rugas
Homero, odisseia
Neto, sangrada esperança
cresci, sonho não é criança
Luandino, minha fronteira não é de asfalto
lama poeira buraco
Aldous Huxley, meu admirável mundo é velho
vicissitudes cantigas bovináticas remotas
estupram vidas, pessoas mortas
céu engalanado, verde
vou sonhar já é tarde
lapiseira preta, folha vermelha, raciocínio katata...

(*Amukamba*)

XXIX. Humores acomodados

Apático homem
Pariu a torrente chuva
Que transita os dias,

Arrolhou os cílios
E acomodou na noite o espírito
E no longínquo horizonte
Arrastou o vento
As acções.

(Cikeve. 8-03-2020).

XXX. Da Espanha à real

Porquê não me deixas viver?
Correr é o que mais quero,
Mortificas minha esperança de viver
Contar de mim, eu também espero.
Tudo por água abaixo

Também queria ser homem.
Eu queria ser liberto
E não ser, um simples feto.

De longe eu grito,
Tira-me daqui!
Mamã, tira-me daqui
Não mais me vejo no escuro
Mamã,
Porquê não me deixas viver?

Também queria ver o sol
Com meus amigos girar-sol
Ver os animas,
E com lobos animar-me.

Eu sinto,
Sinto que me sufoco
Eu sinto, uma pedra fedorenta
Tentando tirar meu suspiro
E no silêncio
Pergunto-me;
Por quê mamã?

Eu queria ter um nome,
Queria ser linda,
Tita, Jamba
Até mesmo Kassinda.

Mas eu te garanto.
Minhas lágrimas,
não se vão só.
Meus lamentos,
Sonhos afundados.
Não ficará por aqui,
Pois,
Como a terra, os lamentos,
Meus sonhos
hoje plantados,
Regados com as lágrimas caídas
Das periferias dos meus olhos
E no silêncio vêm os frutos. -

Eu lá estarei
Estarei, sim
Lá estarei
Todas as noites,
Antes de dormires
Te farei companhia
Pois, sei que o silêncio,
Me levará a ti em reflexão.

Eu também quero viver...

(Jcmm ManMunono)

XXXI. O Mundo Declara Estado de Emergência

De ásperas irritações
Segue tosse e fortes espirros
Espalhando pequenas gotículas
Portadoras de amáveis fortes doces vírus
Abomináveis, amaldiçoados ferem corações.

Quatro dias passivos
Quatro dias activos
Quatro dias heróicos!

Corpos!
Caindo seguidos
Segundo a segundo
Maldita consumidora de tempo-registo
Devoradora de espaço cultura-órbita
Doadora de evolução de estatística-segundo.

A humanidade em pé!
Percorrendo a tudo que é canto
Movendo a terra de espanto
Gritos melancólicos
Perfurando os ouvidos
E tocando os corações.

O mundo,
Declara estado de emergência
Dissolve-se rompendo fronteiras
Une-se com força caridosa às mágoas
Procurando respostas para pandemia -

O meu povo todo alienado
Loucamente apaixonado
Pela fama do novo ímpio surto.
Gritam ansiosamente
Para os ter por perto.

Políticos fazendo boa política
Religiosos fazendo boa chantagem
Comerciantes fazendo boa especulação.

A pobreza opaca influencia
A atitude condenada desobediência.

Os poderosos decisores
Vistos com uma dúzia
De culpa causadora.

Se pensassem ao último pobre?!

Eu não me encontro
Nesta poeira!
Vou espalhando água
A tudo que é canto
Para baixar esta poeira

Criadora de obstáculos
Na via respiratória
Danificadora
Dos meus (nossos) lindos pulmões
Causadora da dor no peito -
Que me (nos) machuca terrivelmente

O lindo, doce, amável coração.

É neste momento que preciso

A voz dos poetas

Verdadeiros profetas!

O meu Âmago chama fortemente:

Abiillio!

Valdemaaar!

Viiictor!

Cikeeeve!

Teodoooro!

Venham curar os corações

Feridos, partidos

Perdidos, desaparecidos.

Gonçaaalvel!

Paaaulo!

Amucaaamba!

Mamunooono!

Amaaada!

Venham registar

Este facto

Que não dá espaço

A nenhum registo,

Mas corrói com aperto

No fundo do Âmago

Que cansadamente

Vê-se solitário -

Apertam os cintos

A pandemia está aterrando,
Mas para ser isolada
Enterrada
Esquecida para sempre
Lembrada apenas na história.

Em nome de Deus!
Meu povo ficará salvo.

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade)

XXXII. Mãe, por quê me mataste?

Estou no terceiro dia de existência
No ventre da minha mãe.

Mesmo sendo insignificante
Já sou igual a todos os homens.

Mas pelos vistos
Ainda não se apercebeu
Da minha existência.

Passando trinta dias
Apercebeu-se da minha existência
E logo ficou triste.

Pelos vistos não lhe satisfiz
Com a minha presença!

A minha querida mãe
Foi ter com meu pai
O meu querido pai
Me negou receber por nada neste mundo,
Ele não queria saber de mim.

Em conjunto decidiram abordar-me!

Agora eu pergunto para ti mãe!

Mãe, por quê me mataste, mãe?
Mãe, por quê me mataste?
Não seria eu um antropólogo ou filósofo?
Não seria eu um ministro ou governador!
Não seria eu um futuro pastor ou evangelista?

Mãe, por quê me mataste, mãe?

Eu que não sei falar
A que tribunal me poderei queixar, mãe!

Mãe, só espero que não faça mas o mesmo
Com meus queridos irmãos vindouros.

Para mim já não há uma urna
Nem cemitério.
Apenas deixarei marcas na minha querida mãe, ingrata!

Mãe, por quê me mataste?!

(Paulo Dala)

XXXIII. Abraça-me

Abraça-me forte,
Que o que tu sentes eu possa sentir
E o que tens para dizer eu possa ouvir

O que palavras não conseguem expressar
O teu abraço pode tentar,
Dizer que não adianta não vai adiantar,
Mais se tu tentares pode resultar.

Abraça-me, vá lá!
Que dessa solidão tu podes me resgatar,
E a minha alma tu podes libertar.

Estás a dizer que falar pode ajudar,
E que te ouvir falar pode resultar?
Deixa para lá, que não quero te escutar.

Abraça-me, abraça-me então! E me livra desta situação.

Queres explicação para quê?
desilusão e solidão tem tudo a ver.
Aceita então!
Acolhe-me nos teus braços tentadores e sedutores,
Acolhe-me nos teus braços que me ajudam a chegar no alto!

Abraça-me, abraça-me, please!
Sente o que eu sinto e não te consigo dizer,
Oíça o que eu oíço e que eu sou louco por te ver.

Então!
Estando nesta situação só me resta dizer:
Abraça-me forte, que o que tu sentes eu possa sentir,
E o que tens para
dizer eu possa ouvir.

Abraça-me, abraça-me, abraça-me porque não há explicação
para está petição!

(Paulo Fernando).

XXXIV. Não registo e não desisto

Em vice lice te achei
Na estrada do sucesso te deixei
Na caverna do amor te esperei
Contigo para sempre estarei

Não fica aborrecida
Ainda vou fazer história
Queimando as pestanas, para que novas gerações me tenham na
memória. Sei que, por vezes te aborreço por que pego na folha.

Mas saiba que, para te achar em vice lice foi necessário pegar na
folha para a escola
para que o pão surgisse em casa toda hora.
Mesmo com essa luta da vitória
nunca saíste da memória
E hoje sorrio e rio porque a nossa
vida parece uma metáfora.

(Poeta Kambetwa)

XXXV. Para te fazer Feliz...

Se tivesses ideia do que eu seria capaz
Para te fazer feliz, eu perderia a minha paz
E viveria os meus dias dedicando-os a ti
Enfrentando tormentas só por ti

Eu iria no ápice da minha consciência
Traria romances arcaicos a existência
Seleccionando-os com paciência
E prostrando-os a ti com referência
Só para te fazer feliz!

Para te fazer feliz...

Eu dava-te tesouros se tivesse.
Escreveria o teu nome nas estrelas se pudesse!
Lutaria com demónios e com os guerreiros
Fabricaria Torres com os ferreiros

Para te fazer feliz...
Andava de país a país com pés descalços
E com uma voz alucinante
Declamaria o teu nome em pedaços
Não me importando de agir como imprudente
Te ver feliz traria paz aos meus domínios

Para te fazer feliz eu iria à prisão
Pois, por tua felicidade torno-me ladrão
Em desonesto, burlador me esquecendo até do aguilhão...
Só para te ver feliz...

Para te fazer feliz...
Eu escreveria 600.000 poemas
Realçando a tua beleza em vários temas
E fazer com que todas as miúdas que tu vês
Fiquem mal parecidas aos teus pés

Para te fazer feliz...
Me tornaria hacker, invadiria o facebook
Trocando todos os temas com as tuas cores predilectas...
Só para te fazer feliz.

(Ramos D'Cassacili)

XXXVI. Vida pela vida

Nada há de tão precioso
Tão caro, mais cintilante que o ouro
Nada há de tão fenomenal
Um mistério sobrenatural
Não, não há nada tão profundo
Tão belo, imenso que nem o mundo!

Nada há de tão sagrado
Foi tudo, para o nosso agrado
Que do barro foi tirado
E o fôlego lhe foi soprado

No limiar do amor e da paixão
Anjos entoavam alguma canção
Enquanto formava-lhe o coração
Que em sua imensidão, pulsa vida!

Agradável seria
Se os olhos vissem os órgãos
Se a pele sentisse nela as artérias
Se as ondas do sangue
Causassem tsunami

Talvez valorizassem mais
Quiçá cuidariam dos enfermos
Talvez se daria vida pela vida

Pois, não há nada de tão frágil
Tão leve, ágil em sumir
Não há nada de tão delicado
Nunca foi loucura desbravar
Ao defendê-la
Revolucionar para a resgatar
Morrer para a conservar

Vida pela vida
Lágrimas pelos sorrisos
Fome pela fartura
Rejeição pela aceitação
Doença pela saúde

Há sempre alguém
Que no âmago do ser
Doa-se p'ra que a vida, viva!

(Amada Janete "Crlla")

XXXVII. Igre-seita

O que nos falta, irmãos para nos darmos as mãos?
Em cada jejum, mais uma seita, mais uma Igreja
Não é preciso fazer esforço para nos darmos conta da tamanha
desunião
Na forma astuta como cada um faz propriedade sua, a
interpretação
SAGRADA ESCRITURA, tão simples, tão complexa
Transformou a vida de muitos, coisa perplexa
Joãozinho é Pastor, Suzete é Pastora são líderes da nova igre-seita
Nisso duvida-ceita
Mesmo livro, mesmo capítulo e versículo, luzes diferentes
Todos estão bem, são todos conscientes
De Géneses a Apocalipse lêem, será que só à Deus todos eles
crêem?
O que nos falta, irmãos para nos darmos às mãos?
Em cada jejum, mais uma seita, mais uma Igreja
Nossa tia já não nos visita por sermos católicos
Minha tia não nos visita por sermos católicos
Ela, da Jeová, afirma categoricamente que somos alcoólicos
Catarina já não visita a July por ser do Sétimo dia
O Êxodo vinte já não faz em sua vida melodia
Na Igreja da esquina mastigam-se oração Pentecostal
Jesus é para alguns, cartão postal
Em matrimónio com a miséria, aconselharam-me buscar água
Universal
Deus é antes e, sobretudo UNIVERSAL
Dizem que a Bíblia A foi adulterada, que a B é verdadeira
Que a Igreja B é SANTA, A é QUIMBANDEIRA
Deambulam espíritos anormais
Ou meus cogitos é que são anormais?

(Amukamba)

XXXVIII. A Vitória!

Deliciosos viciosos
Amam triturar aos jogos.

Sussurrantes gritos soltos
Aos ouvidos que não são surdos.

Indicadores cultos erectos
Direccionados ao vilão
Em grande jogo
Corajoso!
Perante forte doce fogo
Suspirando o último fôlego.

Viva! Todo mundo sabe.

O banho de ouro grita
A finta apresentada
Não vale aos trinta!

Entre a humildade e a honestidade
Sem definição da canção da sociedade.

Grande parte de décadas não odeia
O picante nos olhos verdes e grossos
Da pobre filha alheia
Que ainda continua na plateia.

Lá vai a bola convocatória
Pronta para prova vitória!

De palmadas cheirosas

Gritarias abertas como rosas.
Atenção aos cento e trinta!
Apupos.
Variação de desconfiança
Sobre os ombros da pobre criança
O único atleta que não brinda
Nem brinca.

Vem calmamente
Membros superiores arrastados
Elevados à atmosfera
Fortes ventos
Despedaçando os pecados
Coloridos de odor e dor
Deixando-os cru, nu, cego e ceco
Como coração de límpida freira. -

Deles, nasce forte energia
Velocidade anormal da fisiologia
Resulta em forte arremesso
Sobre a esfera que não é de berço.

Perfura as redes como agulha
Avança ao elenco de zombaria
Embate a boca grande que grita!
Deixa o menino sobre o relvado
Com brilho nos olhos
Cabeça erguida
Ouvindo sussurros da sociedade que brinda.

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade).

XXXIX. CANSADO DE VIVER

Deixei de falar
Deixei de falar, porque se eu falasse séria raptado
Deixei de falar, porque se eu falasse séria condenado
Deixei de falar, porque se eu falasse séria castigado
Deixei de falar, porque já sabia
Por mais que eu falasse não teria sido ouvido
Porque o povo é daquele que diz viva o país está cuiar.

Mesmo sendo pisado ou julgado
Humilhado ou mal falado
Importante para ele é levantar a mão com um viva!
Enquanto os seus irmãos eram desviados e raptados.
Até mesmo
Deixei de falar.
Ai! Estou cansado de viver
Cego que somos, calavam-nos com a santa corrupção
Enquanto milhões eram desviados

Que raiva eu sinto!
Com os milhões promoviam festas
Com milhões cidade grandes
Nas metrópoles eram edificadas
Com milhões cozinhavam feijão canalha
Enquanto eu canalha
Eram menino de rua mendigava pedindo esmola
Tudo só para sobreviver

Deixei de falar
Deixei de falar, mais não deixei da escrever
Por mais tempo leve tarde ou cedo
Os meus escritos eram reconhecidos
Por muitos e por muitos serei ouvido.
Deixei de falar!

(Paulo Dala).

XL. No silêncio das palavras

Em todos

Os momentos

A minha cabeça

Está cheia

De pensamentos,

Mas quando pego

A caneta

O mundo fica em silêncio...

(Paulo Fernando)

XLI. Minha palavra

A coragem picotava e saboreava
a minha vida menosprezada na estrada da esperança.
Mesmo queimando as pestanas,
nunca deixei de lutar naquilo
que me puxava a confiança
para a minha aliança.

Quando queimava as pestanas
os outros julgavam como vingança
Mas eu já mais afirmara na praça
esta desgraça
dessa pobre raça que quer tudo por kwanza.
Minha palavra, não se perturbe
pelas pancadas, é próprio da auto-estrada. Pois, crescestes
chanas
africanas.
Contenta-te nestas chamas
para teres a tua cabana
Não te apartes daquela calma
por causa daquelas bananas.

(Poeta Kambetwa)

XLII. Esperança

O horizonte traz a esperança,
Luzidia na fogueira do tempo
Deixando o saudável paciente
Com o coração ardente!

A esperança do alimento na mesa;
De voltar a contemplar a beleza;
Da paz no coração medroso.
Esperança de reviver um sorriso.

Quando a luz escurecer,
Encontre no entardecer...
A esperança de um novo amanhecer.

Quando a esperança enche o coração,
A luz do sol brilha nos olhos;
Dando razão para o labor desta vida.

(Amada Janete "Crla").

XLIII. Lá na balsa

Lá

Na balsa além-túmulo

Despontam

Ainda,

Manhas cinzas

Lameiro

Bocas

Vozes

Sorrisos enxutos

E pés dilacerados.

(Cikeve. 18-02-2020).

XLIV. Doação à Desistência!

Sempre que eu desperto
Apalpo os músculos do templo do meu espírito
Alegro-me só de saber o desejado deferimento:

O sangue ainda corre nas veias
O tacto adormecido reage com os apertos fortes
O coração soa lindas batucadas cutucantes
O paladar manifesta-se amargo
A ácida saliva escorrega ao esófago!
O cérebro percebe rapidamente
O estado do meu embrulhado estômago
E daí, surge o sentimento obscuro do meu âmago.

Questões abaixo aparecem sem convites:
Para quê hei-de lavar a língua e os dentes
Se não há cereais nem legumes
Para os triturar e saliva-los?

Para quê hei-de lavar a cara
Sem falar do templo corpo inteiro
Se não há nata cremosa para o esfregar
Nem sapato e fato para o cobrir?

Para quê hei-de sair de casa
Se as minhas chegadas
Não arrancam boas vindas?

O meu perfil -

Sem falar do meu curriculum
São vírus de dissabor
Contagiantes de terrível dor
Espantosos de apertos à mão e abraços
Geradores de rejeição inteligente
E as portas fecham-se fortemente.

Para quê hei-de sair de casa?

Há belíssimas profissões
Riquíssimas imaginações
Mas não há fundo nem espaço!
Lamento por não ser alguém de berço
Para executar as minhas acções
E possuir algo que alegra os corações.

Já não saio mais, porque ninguém me verá!
Já não falo mais, porque ninguém me ouvirá!
Já não peço mais, porque ninguém me dará!

Prefiro estar aqui
Mesmo que não tenha nada!
Mesmo que não receba consultas
Mesmo que a fome e a sede
Consumir-me e matar-me.
Prefiro estar aqui no meu purgatório
Porque a morte é o que mais desejo
Para o meu sumiço desta fácil da terra.

Onde hipócritas enganam crianças -

Com ar nos balões.
Onde o mais importante é:
Distribuição de camisas/chapéus
Levantar o galho na tomada de decisões
Gritar fortemente com o último fôlego
Viva! Viva! Viva!
Onde há técnicos médios repartidos:
Assalariados e não assalariados
Bacharéis e licenciados zungueiros.
Onde se nega **Cinquenta** kwazas
Para o pastel do mendigo
Mas liberta-se **Cinco Mil** kwazas
Para o hambúrguer da prostituta.
Onde se afirma com sinceridade:
Somos uma sociedade cristã
Só existe uma verdade absoluta "Deus".
Onde o preço da caridade é a submissão.

Nepotismo?

Corrupção?

Egoísmo?

Assuntos trancados a sete chaves na peneira!

Eu já não saio; Já não falo; E nem peço

Porque sei qual será o resultado.

Prefiro estar aqui no meu purgatório!

(Lidex Âmagô Solitário. in Solansiedade)

Galeria Biográfica



Amada Janete "Crlla". Ortónimo: Amada Janete Pereira Tyitenga, nascida no dia 14 de 02 de 1997, província da Huíla/Lubango. Filha de Angelino Martins Álvaro Tyitenga e de Cristina Massanga Pereira. Professora. Estudante de Linguística Português, 2º Ano, ISCED-Huíla.



Amukamba. Ortónimo: António Mundjanga Kabanamgalala, nascido no dia 26 de 08 de 1995, província da Huíla/Lubango. Filho de Filipe Kambangalala e de Paulina Kutala. Mentor do **Movarte-Nambambi**. Professor. Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.



Cikeve. Ortónimo: Mateus Tchiqueve Funhete, nascido no dia 28 de 09 de 1996, província do Huambo, Londuimbali/Ussoque. Filho de Paulo Funhete e de Zeferina Chassola. Professor. Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.



Jcmm ManMunono. Ortónimo, João Chicambi Mango Munone, nascido no dia 10 de 03 de 1996, província da Huíla/Lubango. Mentor do **Renascer da Arte**. Técnico médio, em Ciências Físicas e Biológicas/Liceu (Lubango).



Lidex Âmago Solitário. Ortónimo, Portácio Tchipalanga Vasco Jongolo, nascido no dia 14 de 07 de 1993, província da Huíla/Lubango. Filho de Guilherme Jongolo e de Felismina Vasco Tchicumbo. Professor e pesquisador literário. Director do **MVH**, autor da obra "A Coruja Preta Mumwila" e da obra "Solansiedade". Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.



Gonçalves Malengue Ortónimo, Gonçalves Nunes Calungulungo Malengue, nascido no dia 04 de 05 de 1996, província da Huíla/Lubango. Filho de João Atewa Malengue e de Josefina Câmia. Professor. Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.



Paulo Fernando.
 Ortónimo: Paulo Vissoca Cachimbombo Fernando, nascido no dia 9 de 11 de 2001, província de Benguela/Lobito. Filho de Felix Bongue Fernando e de Adelina Joaquina Cachimbombo. Estudante de Ciências Económicas e Jurídicas, 11ª classe/Liceu (Namibe).



Paulo Dala.
 Ortónimo: Paulo kulenga Dala, nascido no dia 16 de 06 de 1994, Província da Huíla/Lubango. Filho de Benedito Dala e de Rosália Chaviuca. Técnico médio, em Ciências Económicas e Jurídicas/Liceu (Lubango).



Poeta Kambetwa.
 Ortónimo: Daniel Nangolo Capewa, nascido no dia 10 de 12 de 1991, província da Huíla/Quipungo. Professor. Estudante de Linguística Português, 3º Ano, ISCED-Huíla.



Poeta Ingratoh Sofredor Casacay.
 Ortónimo: Adriano Caterça Baptista Faustino, nascido no dia 17 de 04 de 1999, Província de Benguela/Lobito. Filho de Belchior Faustino E de Luciana Teresa. Estudante de Ciências Físicas e Biológicas, 12ª classe/Liceu (Lubango).



Ramos D'Cassacili.
 Ortónimo: João Ramos Cassacili Antonio, nascido no dia 27 de 03 de 1999, província da Huíla/Lubango. Filho de João Joaquim António e de Eugénia Isabel Cassacili. Estudante de Filosofia, 2º Ano, ISCED-Huíla.



Sly Fox.
 Ortónimo: Adelino Tchimbambiulu Jongolo, nascido no dia 22 de 11 de 2002, província da Huíla/Lubango. Filho de Guilherme Jongolo e de Felismina Vasco Tchicumbo. Estudante de Ciências Económicas e Jurídicas, 11ª classe/Liceu (Namibe).



Teodoro Carlos Simão.
 Ortónimo: Teodoro Carlos Anastacio Simão, nascido no dia 06 de 09 de 1995, província de Cabinda/Bucu-Zau. Filho de Albertino José Simão e de Lúcia Madalena Káfiolé. Mentor dos Amantes da Arte. Técnico médio, em Ciências Humanas/Liceu (Lubango).

Movimento Vanguarda Huilana

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados ao

Movimento Vanguarda Huilana

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



Movimento Vanguarda Huilana